INFORMATIVO VERÃO DE 2017

FLECHAS DE FOGO

COLETIVO LIBERTÁRIO DE APOIO AOS POVOS AMERÍNDIOS












NESTA EDIÇÃO

· 516 anos de golpes contra os indígenas
· A luta indígena como exemplo contra o novo golpe
· Aldeia Ka'apor é invadida por madeireiros e pistoleiros
· Violência policial contra os kaingang em Passo Grande da Forquilha
· Guarani se opõem à madeireiras em Missiones, na Argentina
· Vitória dos Sioux contra o gasoduto em Standing Rock
· Veteranos dos EUA pedem desculpas aos Sioux pelo genocídio
· Plataforma CACI apresenta panorama do genocídio dos indígenas no Brasil
· Estado brasileiro julgado por genocídio em tribunal popular
· Índios isolados ou em fuga?
· Investida mapuche contra o colonialismo cristão no Chile
· Novo ataque aos mapuche pelo estado chileno
· Votorantim ameaça a vida no Rio Camaquã com reativação de mina de chumbo
· Decreto coloca em risco terras indígenas já demarcadas e inviabiliza 80% dos processos de demarcações
· Poluição de hidroelétrica devasta o rio Teles Pires e causa revolta aos Kaiabi
· Porque participar da luta e da resistência Indígena
· Terra perderá dois terços da vida selvagem até 2020
· Construção de hidroelétrica no Tapajós até 2020 segue ignorando povos tradicionais
· Estado brasileiro julgado por genocídio em tribuna popular.

516 ANOS DE GOLPES CONTRA OS INDÍGENAS



Nós indígenas estamos acostumados a lutar. São 516 anos que nos golpeiam continuamente. Desde que invadiram nossas terras, fomos apunhalados, enganados, roubados e massacrados.
Os descendentes das invasores estão aqui hoje! Geração após geração dominam através de golpes!
Golpearam nossas tradições com sua religião. Nos impuseram seus cultos à culpa, ao sofrimento, e ao progresso – tudo a serviço de seus próprios interesses. E seguiram nos golpeando, roubando nossas terras, às custas da vida e da saúde dos nossos filhos e netos, às custas da vida da própria Terra!
Eles ignoram que somos nós quem sabe o que é melhor para nós. Enxergar leva a angústia.

Mas não há como desistir, não podemos esquecer dos velhos que lutaram contra a guerra de extermínio dos europeus para estarmos aqui orgulhosos de quem somos, povos livres e não escravos desses monstros, que são as corporações e os estados. Sabemos que os valores dos nossos ancestrais estão vivos em nós, lembrando deles fortalecemos nossa Cultura da Resistência.
A maioria agora precisa lutar! Nós também estamos na luta!
Lutamos pelo que acreditamos, nos pintamos e partimos para a luta!

A LUTA INDÍGENA COMO EXEMPLO CONTRA O NOVO GOLPE



Como outros golpes, este golpe é uma grande reforma autoritária das leis. Como tantos outros, ele não ataca apenas os direitos indígenas, se impõe contra os interesses da maioria. E a maioria segue talvez distraída demais para se defender.
Todos os partidos políticos, oposição e situação, parlamentares da direita e da esquerda, estão prostituídos, conspiraram a serviço de governos estrangeiros e multinacionais. O governo brasileiro, hoje como nunca, não passa de um fantoche dessas forças quase ocultas.



As metas deste golpe são destruir legalmente os direitos da maioria (e também das minorias indígenas) até submetê-las à situações de escravidão, como nas megafábricas chinesas, ou ao extermínio; legalizar a pilhagem de recursos e extensões de terra para grupos extrangeiros e multinacionais; garantir a continuidade dos grandes privilégios de grupos políticos e empresariais.

Por valorizar e proteger seus territórios, por seus saberes ancestrais e práticas de autonomia, indígenas são contrários ao projeto golpista. Também são eles que oferecem à maioria, grandes exemplos de coragem na luta contra os golpes e tiranos: Sepé Tiarajú, Búfalo Negro, Lucy Gonzales Parsons, Emiliano Zapata, Tuíra Kaiapó e Marçal Tupã-i são só alguns dos indígenas lutadores a serem lembrados como grandes exemplos de luta, não só por uma vida livre e digna, mas pela própria sobrevivência.

ALDEIA KA'APOR É INVADIDA POR MADEIREIROS E PISTOLEIROS





A Terra Indígena Alto Turiaçu, no Maranhão sofre com as investidas violentas de madeireiros.
Desde 2013, os Ka'apor fazem vigilância de suas terras para evitar a destruição das matas. Trilhas com maior movimento de madeireiros e caçadores estão permanentemente ocupadas com novas aldeias.
Há algumas semanas, o grupo de vigilância Ka'apor encontrou quatro invasores armados no interior da TI. Os homens foram imobilizados e expulsos. Há cinco dias, outro grupo de invasores teve quatro motos confiscadas dentro do território e posteriormente devolvidas.
Agora, os Ka'apor temem a reação de madeireiros. Relatos dão conta de que invasores armados espreitam nas estradas de acesso às aldeias. O temor é que haja uma invasão do território a qualquer momento com episódios de violência contra os Ka´apor.
Em abril de 2015, Eusébio Ka'apor foi assassinado enquanto voltava de uma visita a cidade vizinha. Desde então, a região tornou-se palco de um grave conflito. Em dezembro do ano passado um ataque a uma das aldeias dos Ka'apor deixou dois índios baleados.

VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA OS KAINGANG EM PASSO GRANDE DA FORQUILHA

Uma operação de guerra foi organizada no dia 23 de novembro contra os Kaingang da terra indígena Passo Grande da Forquilha, municípios de Sananduva e Cacique Doble, Rio Grande do Sul. A mando de fazendeiros da região, 180 soldados da polícia federal e da brigada militar invadiram a comunidade com armas, cães e cavalos com o objetivo de deter lideranças e desarticular a luta pelos territórios. Um helicóptero e muitas viaturas foram utilizadas na operação.
'Violenta e humilhante' foi como os kaingang descreveram a ação da polícia: Toda a comunidade, foi rendida, mulheres, velhos e crianças foram obrigados a deitar no chão sob a mira de armas. Líderes foram presos por portarem arcos e flechas.
No Brasil o agronegócio e o poder legislativo e judiciário vêm agindo em conjunto contra os povos indígenas. Os meios de mídia comerciais tem ocultado e distorcido os fatos, afirmando que os indígenas são criminosos invasores das propriedades e fazendas; povos que há pelo menos 13 mil anos estão neste continente. Diante desta agressão, os Kaingang afirmaram que seguirão lutando contra a violência e opressão do estado, uma vez que estão há mais de 500 anos resistindo.





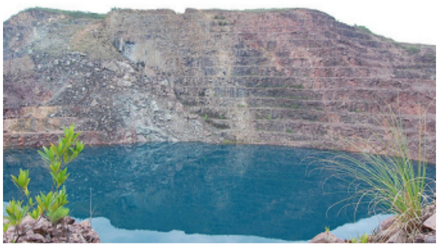


CONSELHO MBYÁ GUARANI BARRA MADEREIRAS EM TERRAS INDÍGENAS NA ARGENTINA



Pela 1a vez o Estado argentino realizou uma consulta prévia aos povos originários no dia 27 de julho, sobre o interesse das empresas Coschirt e Carbac SA em extrair madeira das terras Mbyá-Guarani.
Lideranças Mbyá se reuniram na aldeia Ka'ákupe, em Misiones, Argentina, para mais um encontro Aty Nhexyrõ – conversa em roda.
Apesar de se dizer mediador, o estado argentino atuou como um verdadeiro fantoche de interesses privados, estava claramente ao lado dos interesses das empresas. Mais tarde os próprios empresários revelaram que já possuíam uma autorização do 'Ministerio de Ecologia y Recursos Naturales' para o corte das árvores.
A Coschirt apresentou seu projeto de explorar 641 hectares próximo das casas da aldeia de "Arroyo 9". Defenderam que só iriam cortar as maiores árvores por "não servirem para mais nada".
A resposta dos líderes Mbyá foi veemente: "Não". Como medir a serventia de uma árvore se até ela cair, sua casca serve de medicina, e suas frutas servem de alimento às crianças? Antes otimistas com suas explicações técnicas amparadas na legislação ambiental argentina, os empresários não acreditaram no que ouviram.
Vherá, filho de Tupã, bradou que se os empresários viessem com suas máquinas destruindo a floresta, Tupã viria logo atrás com seus raios e trovões, passando por cima dos brancos que ali estivessem. Gritou que a luta cosmológica mbyá é para manter os céus em pé para todos, não só para eles.
Membros da empresa Carbac SA afirmaram possuíam uma autorização assinada por um antigo cacique para explorar uma área de 2932 hectares, próxima à aldeia de Kaá Poty. Os mbyá lembraram que antigo cacique era analfabeto, estava cego e extremamente doente quando assinou a autorização, morrendo meses depois. Consideraram que aquela autorização não era válida, e exigiram que todas as máquinas da empresa parassem.
A reunião terminou com a dança do tangará ao som do violão e violino, e cantando: yvy pave mba'é, yy pave mba'é, kaygua pave mba'é – "A terra é pra todos, a água é pra todos, as matas são pra todos".

VOTORANTIM AMEAÇA A VIDA NO RIO CAMAQUÃ COM REATIVAÇÃO DE MINA DE CHUMBO E ZINCO





Ambientalistas, indígenas e ativistas estão se articulando para barrar a ativação da mina de chumbo e zinco pela Votorantim, na localidade de Minas do Camaquã, Caçapava do Sul (RS).
A ativação desta mina pode potencialmente poluir centenas de quilômetros de um dos maiores rios da região, afetando diretamente a vida de centenas de milhares de pessoas que vivem as margens do rio, os rejeitos da mina pode tornar tóxico e contaminado uma das paisagens mais lindas do bioma pampa. Entre as dezenas de localidades potencialmente afetadas está a terra indígena Mbyá-Guarani da Pacheca, próxima a foz do Rio Camaquã. Ainda que boa parte da população da região seja contra a mineração, a Votorantim e o governo seguem apressados no processo burocrático de ativação da mina.
Outras minas controladas pela Votorantim - como a instalada no município de Vazante (MG) que contaminou pesadamente com arsênio o rio Paracatu e seus afluentes - costumam destruir fontes de água potável e contaminar o solo em vastas regiões.



DECRETO COLOCA EM RISCO TERRAS INDÍGENAS JÁ DEMARCADAS E INVIABILIZA 80% DOS PROCESSOS DE DEMARCAÇÃO

Um novo decreto do ministério da justiça coloca em risco mesmo as terras indígenas já demarcadas e reconhecidas por governos anteriores. Permite que estas terras sejam contestadas por "interessados", incorporando as teses de interesse de fazendeiros e as exigências contidas na PEC 215.

Este decreto evidentemente elaborado para garantir os interesses dos ruralistas, representa na prática a revogação do decreto 1.775 que há 20 anos regula o tema. Se for colocado em operação irá inviabilizar mais de 80% das terras indígenas no país, cerca de 600 territórios em processo de demarcação reivindicados pelos índios.



A minuta adota a tese do "marco temporal", em que somente indígenas que estavam na terra ou a disputavam judicialmente em outubro de 1988, podem ter direito a ela. Os índios que foram expulsos de suas terras e não as retomaram em 1988, mesmo que por meios violentos, perdem o direito de reivindicá-la.

Também processos de demarcação que estão em andamento terão que incorporar "as diretrizes" do documento. Esta prevista abertura de prazo de 90 dias para que "interessados" se manifestem sobre processos que já estejam homologados pela Presidência, mas sem registro em cartório, última etapa do processo de demarcação.

Na prática o que vemos são uma vez mais as elites brancas, alterando as leis para eliminar direitos históricos, fruto da luta das gerações passadas, implementando políticas de genocídio para garantir seus privilégios as custas do futuro das populações indígenas.

VITÓRIA DOS SIOUX CONTRA O ÓLEODUTO DA PETROLÍFERA ETP EM STANDING ROCK, NA LAKOTA DO NORTE

Num triunfo espetacular da maior mobilização de resistência indígena na história recinte dos Estados Unidos, o governo federal anunciou que não otorgará as permissões para continuar com a construção de um oleoduto na Dakota do Norte que atravessava as terras sagradas por debaixo do rio Missuri e buscará rotas alternativas para o projeto.
Depois que engenheiros do Exército ordenaram evacuar esta segunda as terras federais ocupadas por milhares de indígenas e seus aliados e do governo estatal de Dakota do Norte havia ordenado que os ocupantes abandonassen a zona sob condições invernais severas, disparou a tensão a incertitumbre sobre que ocorreria já que os manifestantes se recusaram a acatar tais ordens.
Forças de repressão estatais e seguranças privados atiraram balas de borracha, gas pimenta e lacrimogenio e até água em temperaturas abaixo de zero, contra manifestantes em diversos enfrentamentos durante as últimas semanas em que mais de 560 pessoas foram encarceradas - este domingo chegaram mais de 2100 veteranos militares de todo o país para somar-se à resistencia e servir de "escudos humanos" nos acampamentos gelados dos Sioux na Dakota do Norte.





DEFENDA O SAGRADO



Milhares de Sioux e pessoas de outros povos indígenas, jovens, ambientalistas, ativistas, negros, latinos, artistas entre outrxs, têm mantido uma ocupação - que agora é como uma nova aldeia - em terras federais desde o verão, com intensão de freiar o Oleoduto Dakota Access. Receberam apoio de mais de 300 etnias, tribos e nações indígenas por todo mundo, os apoiam por todas as partes grupos de ambientalistas, movimentos de direitos civis como o 'Black Lives Matter' (Vidas Negras Importam) entre outras organizações.
Com um custo de 3.8 bilhões de dólares, e mais de 90% completo, as 1.172 milhas de tubulações do óleoduto irão transportar 470 mil barris de óleo cru por dia, desde a Dakota do Norte às refinarias em Illinóis.
O projeto do óleoduto além de passar por baixo do rio Missuri, atravessa terras federais que foram outorgadas aos Sioux em um tratado de 1851 que não cumprido até hoje.
Líderes da Reserva Sioux de Standing Rock expressaram sua oposição oficial à um ano - o óleoduto passaria por terras sagradas, ameaçando a água potável não só deles, mas de 17 milhões de pessoas por toda região, caso os tubos se romperem perto do rio. Por isso muitos deles se declararam "protetores da água".
Dirigentes indígenas insistem que isto é parte de uma grande luta histórica. "Cansamos de ser empurrados por 500 anos. Eles tomam, tomam, tomam, e já basta!", enfatizou Lee Pleno Lobo.

EM CERIMÔNIA VETERANOS DO EXÉRCITO PEDEM DESCULPAS AOS SIOUX PELO GENOCÍDIO

Na celebração da vitória indígena que aconteceu em Standing Rock no dia 6 de dezembro, veteranos das forças armadas que se juntaram ao protesto em apoio aos povos indígenas, nas palavras de Wes Clarck Jr, se ajoelharam e pediram perdão aos povos indígenas:

-"muitos de nós, eu particularmente, somos das unidades que tem ferido vocês por muitos anos, chegamos e lutamos contra vocês, roubamos suas terras e firmamos tratados que não cumprimos, roubamos minerais de suas colinas sagradas, esculpimos os rostos de nossos presidentes em suas montanhas sagradas, roubamos mais terra e pegamos suas crianças, e tentamos apagar suas línguas (...) não os respeitamos e poluímos sua terra, os machucamos de tantas formas, mas viemos dizer que sentimos por isso, que estamos ao seu serviço, e que pedimos seu perdão"

Resposta do chefe Leonard Corvo Cão:

-"paz para o mundo! vamos fazer um passo, somos a nação soberana Lakota, nós fomos nação e continuamos sendo nação, temos uma língua para falar, temos preservado uma postura de guardiões, nós não somos donos da terra, nós pertencemos a ela."

O ato dos veteranos não conta com o apoio das forças armadas, mas é bastante simbólico: 2100 veteranos de várias guerras se juntaram à luta dos povos indígenas, se contrapondo ao governo para evitar a construção do oleoduto.

Mostrando que a consciência do respeito a nossas terras sagradas é possível para aqueles que em algum momento estiveram contra nós defendendo os interesses das corporações e do estado.

Kenny Nagy, veterano da guerra de Vietnam, declarou "finalmente vamos estar ajudando os povos dos Estados Unidos ao invés de empresas".

Nossa luta indígena é pela dignidade e é também pela consciência do respeito pelo mundo que partilhamos como parentes: parentes de muitos povos, parentes dos rios, das plantas e dos animais, todos filhos da terra que nos viu nascer.





PETROLIFERA RECORRERÁ COM APOIO DE TRUMP

A construtora do oleoduto, Energy Transfer Partners (ETP), havia declarado antes que se opõe a qualquer desvio da rota atual, e que se não completar o projeto até 1º de janeiro, perderá contratos multi-milionários.

Portanto, alguns advertem que este não é o fim da luta para os Sioux. Já é esperado que a empresa volte a recorrer nos tribunais para reverter esta decisão.

O presidente Donald Trump tem expressado seu apoio ao projeto na semana passada. Não apenas é o tipo de projeto que defende para o país, mas Trump também tem interesse pessoal no assunto: já que é inversionista da ETP. Trump recebeu do executivo-chefe da ETP 170 mil dólares para sua campanha eleitoral.



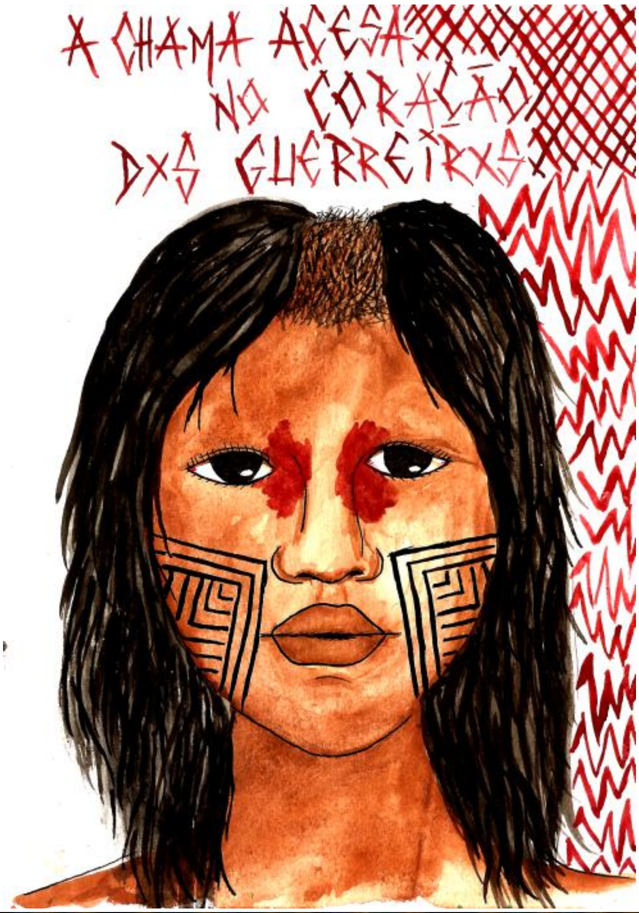
PLATAFORMA CACI APRESENTA PANORAMA DO GENOCÍDIO DOS INDÍGENAS NO BRASIL

A Plataforma de Cartografia dos Ataques Contra Indígena (CACI) é um recente levantamento de ataques contra povos indígenas no território dominado pelo Estado Brasileiro. Foi ao ar em junho de 2016 e mapeia parte da violência civilizatória contra povos tradicionais entre os anos de 1985 e 2015. Nela já constam cerca de 750 assassinatos entre 2003 e 2015 No Mato Grosso do Sul, conhecido por seu contexto de conflitos entre latifundiários e comunidades tradicionais lutando por terra e autonomia - encontra-se em pequenas porções de terra, a segunda maior população indígena no território brasileiro.

Segundo a plataforma CACI é também no Mato Grosso do Sul que estão concentradas mais da metade dos ataques, 400 dos quase 750 assassinatos de indígenas entrre 2003 e 2015.

A Plataforma de Cartografia de Ataques Contra Indígenas pode ser acessada pelo link

http://caci.rosaluxspba.org/



ÍNDIOS ISOLADOS OU EM FUGA?

No último dia 23 de dezembro, uma vez mais, em meio à floresta Amazônica, um grupo de índios teve suas imagens roubadas do alto, por brancos em um grande pássaro de metal.

Quantos maus encontros, os velhos dirão, não começaram com alguns brancos chegando numa canoa, a cavalo, trem ou avião? Quantos povos não foram exterminados a tiros ou dinamite, chuva de veneno ou cobertores com malária semeados por esses pássaros de metal?

Suas imagens roubadas rodaram o mundo. Serviram ao fetiche dos brancos (ao menos os puristas) a imagem do exótico pode ser vendida, colocada a serviço da autopromoção de profissionais, empresas e instituições.

Ninguém está isolado neste mundo. As imagens desses índios assustados, nada falam, de tantos maus encontros com madereiros, garimpeiros e missionários, que fizeram com que escolhessem evitar esta civilização.

A noção de índio isolado é conveniente, desresponsabiliza, disfarça os aparatos de exploração e genocídio que obrigaram tantos povos a centenas de anos de fuga.

ESTADO BRASILEIRO JULGADO POR GENOCÍDIO EM TRIBUNA POPULAR

Na véspera do Dia da Consciência Negra, 19 e novembro, o Estado Brasileiro foi colocado no banco dos réus. Julgado numa tribuna popular na cidade de São Paulo pelos crimes de genocídio contra os negros, indígenas, e pessoas pobres. Durante o julgamento foram apresentados uma série de casos e evidências recentes do genocídio naquela região.

Um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos no Brasil. A cada ano são assassinados 23.100 negros na faixa etária de 15 a 29 anos. A taxa de homicídios contra negros é 4 vezes maior que a observada entre jovens brancos. Estas são algumas evidências do genocídio da população negra em andamento, no campo, nas periferias e em grandes centros urbanos. Centenas de milhares de indígenas têm sido exterminados desde o início da colonização através da escravidão, através do roubo de suas terras ancestrais, através da destruição das paisagens em que vivem, através do envenenamento e do assassinato, através do desrespeito institucionalizado de seus modos de ser. Foram e seguem sendo dizimados em iniciativas de extermínio privadas e estatais, para benefício de oligarquias, e todos estes crimes foram acobertados pela cegueira seletiva da justiça estatal.

TERRA PERDERÁ DOIS TERÇOS DA VIDA SELVAGEM ATÉ 2020



Um relatório do grupo ambientalista WWF e da Sociedade de Zoologia de Londres divulgado em 27 de outubro indica que a vida selvagem poderá ser reduzida em 67% em todo o mundo, num período de apenas 50 anos até o final desta década.

O relatório chamado 'Planeta Vivo' destaca que, entre 1970 e 2012, população global de peixes, aves, mamíferos, anfíbios e répteis diminuíram 58%. Num período de 50 anos, que termina em 2020, essas populações poderão ser reduzidas em até dois terços do total!

O relatório, afirma ainda que este cenário se dá por conta da forma como as sociedades industriais exploram o planeta, a níveis sem precedentes.

A principal causa da destruição dos habitats selvagens é a agricultura extensiva. "Atualmente, a agricultura ocupa cerca de um terço da área total da Terra e é responsável por quase 70 % do uso da água", afirma o documento.

O relatório aponta ainda para fatores como a industrialização e a urbanização como extremamente nocivos a vida selvagem.

Com níveis alarmantes de extinção, as organizações chamam atenção para evidências de que o que os cientistas chamaram de "a sexta extinção em massa" está em andamento, como mais espécies desaparecendo diariamente, hoje, do que as taxas diárias de outros processos de extinção em massa, como o que levou ao fim os dinossauros.



"Você é um mentiroso. Nós não precisamos de eletricidade. A eletricidade não nos vai proporcionar nossa comida. Necessitamos que nossos rios corram livres, pois nosso futuro e o de toda humanidade depende deles. Precisamos de nossas florestas intactas para coletar nossos alimentos. Não precisamos da sua represa!". - Tuíra Kaiapó

PORQUE PARTICIPAR DA LUTA E DA RESISTÊNCIA INDÍGENA

Vivemos num mundo onde - para além das miragens de bem-estar e satisfação - caminha a passos frenéticos e atrapalhados rumo ao colapso e à destruição. É importante, neste contexto, lembrarmos de onde viemos, que outras formas de existir não só são possíveis como reais. Só esta memória lembra pode no mínimo embaçar o vidro da tela desta ilusão civilizada e o olhar que ela nos impõe.

São em questões como território, água, vida, ser e deixar ser. que o confronto entre os interesses da máquina civilizada e luta pela existência dos povos livres se torna mais evidente. A máquina civilizada quer devorar tudo, em seu anseio por lucro ela coisifica e produtifica a vida. Dominar recursos e transformar tudo em mercado, declara guerra não só contra os indígenas, mas contra os interesses da vida como um todo. O único caminho - para que não sejamos esmagados, para que não nos tornemos escravos de corpo e alma a serviço dos interesses "desenvolvimentistas" da máquina - é que é preciso conhecer e fortalecer a resistência indígena.

Nós, deserdados de uma cultura outra - alheia a este projeto que nos empurra a loucura - juntamo-nos também a resistência que é a luta pela existência de modos-de-ser que a civilização tem se empenhado em não deixar ser. Somos todxs indixs, ou melhor, unidos contra tudo aquilo que pretendem obrigar-nos a ser. Livres, e sem o peso de culpa, de sua domesticação e moral, com que pretendem nos roubar, ao nosso espirito, e a nossa vontade, a nossa conexão com a terra, a nossa mãe...tudo o que há de sagrado.

POLUIÇÃO DEVASTA RIO TELES PIRES E CAUSA REVOLTA AOS KAIABI

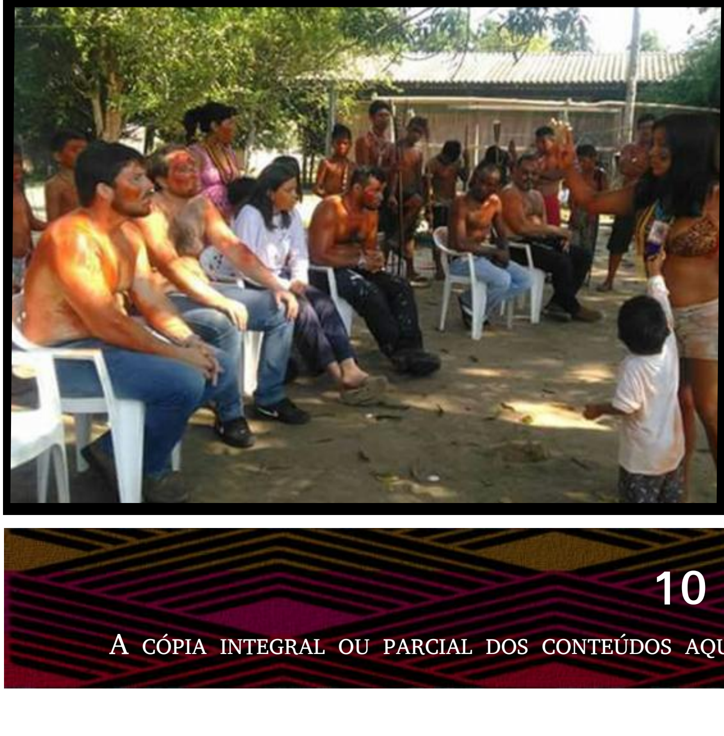




Uma grande mancha de óleo cobriu parte do rio Teles Pires, divisa do Mato Grosso com o Pará, no início do mês prejudicou a pesca e contaminou o fornecimento de água de pelo menos 15 aldeias indígenas daquela região.
Segundo o cacique Tawari Kaiabi, sua aldeia foi afetada diretamente pela mancha de óleo. "Não podemos mais consumir a água do rio, nem pescar para comer. Nosso modo de vida foi alterado" Tawari também contou que a saúde dos índios foi afetada. "Depois do vazamento as crianças e os adolescentes estão com diarreia e nossa suspeita é que tenha sido causada pela contaminação", disse, explicando que tenta convencer os indígenas a não tomar a água.
Não se sabe se a origem da mancha vem da hidroelétrica construída no Rio Teles Pires, de algum vazamento de óleoduto, ou das balsas garimpeiras da região. Tristes e revoltados, os Kaiabi agora recebem galões de água de canoa, exigindo explicações e reparações imediatas dos responsáveis.

KAIABI DETÊM 7 FUNCIONÁRIOS DA HIDROELÉTRICA TELES PIRES

Após a destruição ambiental causada por um vazamento de óleo no rio Teles Pires, em 24 de novembro os Kaiabi detiveram uma engenheira e seis funcionários da construção da hidroelétrica.
Os indígenas exigem a presença do presidente da FUNAI e ministros. Após a FUNAI se comprometer em cumprir as solicitações dos Kaiabi, os funcionários foram liberados 24 horas depois sem ferimentos.



XAVANTES PARALISAM ESTRADAS APÓS TRÊS ATROPELAMENTOS

Os atropelamentos recorrentes na BR-070 reacenderam a revolta dos indígenas no cerrado contra as rodovias. Os Xavantes do Mato Grosso estão indignados com os acidentes nas estradas que cruzam suas terras. Desde outubro fecharam as estradas em protestos pelo atropelamento de dois indígenas. Recentemente, também um bororo foi atropelado.
Exigem que o governo venha negociar diretamente com seus líderes e porta-vozes.
Estão acampados nas beiras das estradas desde outubro de 2016, sem recursos e com muitos gastos em transporte e alimentação.
Pedem doações a quem quiser apoiá-los em sua causa, para que continuem na luta contra mais mortes nas estradas.
Entre outras associações, a Xavante Warã é uma associação que não representa todo o povo xavante, mas participa ativamente desta causa. A Xavante Warã aceita doações de qualquer quantia e agradece. Este recurso irá cobrir gastos de viagens de articulação com outras associações, e também para conseguir suprimentos para que os acampados permaneçam nas estradas.
Banco do Brasil - agência 3290-5 - conta corrente 45914-3 João Lucas Owa'u - CPF:315.414198-71 – RG:1382927-0 SP

INVESTIDA MAPUCHE CONTRA O COLONIALISMO CRISTÃO NO CHILE



A resistência radical mapuche segue firme pela defesa de terras sagradas, da cultura e saberes ancestrais em território governado pelo Estado chileno.

Desta vez não foi apenas contra o governo do Chile que os indígenas se levantaram em digna raiva: Investiram contra símbolos de um colonialismo europeu que dura até os dias de hoje e que quase acabou com todas as culturas nativas destas terras do sul da América.

Foi em abril deste ano que simpatizantes da causa mapuche atacaram e queimaram uma igreja católica e uma evangélica, uma ação incendiária contra figuras catequizadoras. Testemunhas disseram que foi um ataque rápido onde chegaram armados disparando e logo colocaram fogo nos edifícios, fugindo em seguida.

Dois cartazes foram deixados no local. Em clara referência aos ataques cristãos contra os indígenas, num deles se lê:

"nossos avós e ancestrais dos índios também morreram queimados e assassinados 'pela cruz e a espada' Liberdade. P.P.M."

O outro advertia "todas as igrejas serão queimadas" e exigia a libertação de indígenas presos por lutarem pela causa mapuche.

NOVO ATAQUE AOS MAPUCHE PELO ESTADO CHILENO

Em 8 de novembro, o estado policial chileno empreendeu um novo ataque ao povo mapuche, enviando tropas para Walmapu, na região de Tirua - sul do Chile, para perseguir e reprimir dissidentes indígenas nas localidades de Curapaillaco ,Cura Tranaquepe, Puerto Choke, Antiquina, Lleu lleu, Canihua e arredores.

Na operação foram usados caminhões blindados, helicópteros, centenas de policiais e soldados armados. Casas foram invadidas e pessoas agredidas e revistadas.

Os mapuche responderam bloqueando estradas com árvores e sabotando a infra-estrutura de controle. Na região estão as chamadas "zonas de Sacrifício" das instalações de megapapeleiras e infraestrutura para extração de recursos, em parcerias entre empresas e o estado chileno.

Os mapuche vem lutando desde o início da colonização por seu território, nunca se submetendo aos colonizadores. Eram hostis às frentes colonialistas e as elites espanhólas, e nutrem o mesmo sentimento em relação ao estado chileno e as elites de seu país. Por trás do projeto nacional chileno, reconhecem os mesmos velhos aparatos de extermínio.





MARTÍRIO, DOCUMENTÁRIO PREMIADO EXIBE GENOCÍDIO DOS KAIOWÁ

Nem bem estreou e Martírio já um documentário aclamado pela crítica e pelo público. Sete vezes premiado em diferentes categorias e festivais, este documentário denúncia a tragédia vivida por um grupo kaiowá, em acampamentos precários, cansados da violência civilizada, temerosos diante da possibilidade de terem suas terras confiscadas pelo estado para beneficiar ricos fazendeiros.

Martírio é um registro importante do embate de forças desproporcionais no Mato Grosso do Sul, o choque entre a retomada dos territórios sagrados pelos Guarani Kaiowá e as políticas de genocídios, extermínio e massacres financiados por fazendeiros e empresários do agrenogócio com o aval do estado.

MARTÍRIO
162 minutos, cor, 2016, Brasil
Direção: Vincent Carelli.
Co-direção: Ernesto de Carvalho e Tita.
Elenco/Entrevistados: Celso Aoki, Myriam Medina Aoki, Oriel Benites, Tonico Benites e comunidades Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul.





QUEM SOMOS

Somos um grupo de apoio da causa indígena de viés radical, crítico e libertário. Consideramos que a solidariedade é mais que só uma palavra, mas uma potência que nutre a prática, a troca e o caminhar na luta contra a máquina de morte civilizada. Saudamos todas formas de revolta selvagem, todos os frontes de luta por Saúde, Dignidade, Terra e Liberdade.
Abraçamos a ação voltada para informação como prática solidária contra as forças que promovem o genocídio dos povos originários.
Nossa inspiração está nos guerreiros e guerreiras que não se deixam corromper por instituições autoritárias.
Refutamos todas as práticas e instituições controladas pelos civilizadores capitalistas como ameaças às futuras gerações que em favor da vida livre e digna devem ser combatidos e derrotados.

O QUE É SER LIBERTÁRIO

Ser libertário é assumir a Liberdade como princípio de vida, cultivar relações simétricas de poder, não querer governar nem ser governado. Ser libertário é ser anarquista, saber que é nocivo todo tipo de autoritarismo e hierarquia. É ser oponente a toda forma de corrupção estatal e de qualquer instituição que ameace a liberdade e a dignidade dos povos. Ser libertário é saber que seus inimigos sempre estão no poder, já que o poder político é sempre corruptor e corrompível.

COLABORA CONOSCO

Tem uma visão libertária sobre fatos e questões relacionadas a temática indígena e a luta pela Terra? Sintetiza em poucas linhas e compartilha conosco pelo e-mail contato.clapa@riseup.net.
Seu texto pode ser publicado no Flechas de Fogo. Busca uma versão libertária de assuntos relacionados às lutas indígenas?
Acesse https://clapablog.noblogs.org.